

ZERO4 CINECLUBE: TEMPORADA ON-LINE

ANDRÉ DE LIMA BERZAGUI¹; LAUREN MATTIAZZI DILLI²; RUBENS FABRICIO ANZOLIN³; ROBERTO RIBEIRO MIRANDA COTTA⁴

¹Universidade Federal de Pelotas - a_berzagui@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas - laurenmdilli@hotmail.com

³Universidade Federal de Pelotas - rubensfabricioanzolin@gmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas - robertormcotta@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O Zero4 Cineclube é um projeto de extensão do curso de Cinema e Audiovisual da Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Foi criado em 2010, sob a tutela da Profª. Drª. Ivonete Medianeira Pinto. No ano de 2020, o Prof. Dr. Roberto Ribeiro Miranda Cotta assumiu a coordenação, com a colaboração voluntária dos discentes André de Lima Berzagui, Lauren Mattiazzzi Dilli e Rubens Fabricio Anzolin.

O projeto consiste na exibição de filmes e na realização de debates com a participação do público, expandindo a experiência através da reflexão coletiva. A programação é organizada através de mostras temáticas que priorizam obras de difícil acesso, sobretudo aquelas que não atingem o circuito comercial da cidade e se distanciam do entretenimento hegemônico. O intuito é que os estudantes possam discutir a arte cinematográfica com pessoas de vários estratos sociais.

De acordo com BUTRUCE (2003), a prática do cineclubismo nasceu na França no início do século passado e chegou ao Brasil no final dos anos 1920, com a fundação do Chaplin Club, no Rio de Janeiro. Segundo RUBIRA (2020), em Pelotas, o cineclubismo se consolidou a partir dos anos 1950, impulsionado pelas sessões do Círculo de Estudos Cinematográficos organizadas por Luís Fernando Lessa Freitas. Atualmente, o Zero4 tem sido um dos espaços responsáveis por manter a tradição cineclubista no município.

As exibições são gratuitas e acontecem no Cine UFPel, sala de cinema oficial da instituição. Com a impossibilidade de realização de sessões e debates presenciais, devido à pandemia provocada pela COVID-19, as atividades do cineclube estão sendo viabilizadas de forma on-line. A cada semana, os filmes são disponibilizados para a comunidade através de contato via e-mail. Todas as terças-feiras, entre 19h e 21h, a equipe recebe um convidado especial para um debate mediado pela plataforma virtual Google Meet. Em seguida, a gravação da conversa é alocada no canal do YouTube do Zero4 Cineclube <encurtador.com.br/cwL26>, com livre acesso ao público.

Entre junho e setembro de 2020, foram promovidos 15 sessões e debates com participação de pesquisadores, críticos, curadores e cineastas de várias partes do país. A programação on-line está prevista para ser realizada até 15 de dezembro deste ano. Até então, foram promovidas cinco mostras cinematográficas: *Minas, Texas; Desbunde contra o chumbo; Nossa próprio rumo: o cinema de Ana Carolina; Na Boca do povo e Invenção permanente*.

2. METODOLOGIA

Em março de 2020, a equipe de curadoria começava a programar mais uma temporada presencial quando as atividades acadêmicas foram suspensas, em decorrência da disseminação da COVID-19. A alternativa encontrada foi criar uma temporada inteira com sessões e debates virtuais. O objetivo principal é alargar a

margem de alcance da comunidade, já que esta pode ser ampliada através do meio virtual. Desse modo, foram abertas inscrições gratuitas nas atividades do cineclube, que obtiveram 102 matriculados. Os cadastrados, portanto, passaram a receber informações respectivas à programação através de e-mail e publicações nas redes sociais. Também foi criado um site oficial para divulgação das mostras <<https://zero4cineclube.wordpress.com/>>.

Para a aplicação dessa metodologia, foi realizado um estudo acerca dos sites de videoconferência Zoom, Discord e Google Meet. Ao analisar os recursos que cada um dispunha, o Google Meet foi escolhido porque apresenta facilidades na interação com os convidados e livre participação dos cadastrados. Diferente dos demais, não necessita um login de acesso. Portanto, basta que se tenha contato com o link da sala para entrar nas reuniões. O endereço de cada encontro é gerado e enviado por e-mail no dia de sua realização.

O passo seguinte foi dimensionar os recursos virtuais para a promoção de sessões e debates. Toda semana, as obras cinematográficas são armazenadas numa nuvem do Google Drive, cujo compartilhamento por e-mail permite acesso aos cadastrados. Os encontros com o público acontecem às terças-feiras, no Google Meet. Tais debates são gravados e disponibilizados no dia posterior mediante o site de compartilhamento audiovisual YouTube.

A participação de convidados externos propicia um intercâmbio de experiências e estabelece uma dialética que contribui para a formação de repertório dos espectadores. Todos os debatedores possuem trajetórias reconhecidas na área do cinema e relação direta com as temáticas analisadas. Na mostra *Minas, Texas*, optou-se, preferencialmente, por cineastas que realizaram os filmes exibidos. Já nas demais, os comentaristas foram críticos, pesquisadores e curadores especialistas nos respectivos assuntos discutidos.

No decorrer de seus dez anos, o Zero4 Cineclube tem realizado variadas mostras centradas no cinema brasileiro. Todavia, esta é a primeira vez em que há uma temporada integralmente dedicada à cinematografia nacional. Tal escolha tem permitido o aumento de repertório dos cadastrados, que agora têm acesso a uma diversidade de filmes que revelam aspectos históricos, culturais e sociais da formação do país, bem como apresentam questões relativas ao cenário político contemporâneo.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Metade da temporada on-line 2020 do Zero4 Cineclube já foi promovida e, neste momento, estão em curso as sessões e debates da mostra *Invenção Permanente*. Dedicada ao cinema contemporâneo, as obras selecionadas esquadram características estéticas e narrativas singulares, fugindo dos padrões comerciais vigentes. Essa escolha dialoga com o pensamento de FERREIRA (2016), crítico de cinema que defendeu a experimentação de linguagem como um traço essencial do cinema brasileiro. O evento é composto por três sessões de curtas-metragens que dão continuidade a esse legado. Em 22 de setembro, cinco filmes foram comentados pelo crítico e curador Eduardo Valente (RJ). Outros dois debates serão realizados nas duas próximas semanas.

Porém, antes disso, quatro mostras cinematográficas foram lançadas. Na primeira delas, *Minas, Texas*, selecionaram-se filmes mineiros produzidos na última década, distribuídos através de quatro sessões e debates. Trata-se de um cinema produzido na região metropolitana de Belo Horizonte, sobretudo nos subúrbios da

capital e em cidades vizinhas como Contagem. Tais obras carregam a identidade e a cultura desses locais, bem como trazem olhares a respeito da realidade periférica, seus personagens, vivências e subjetividades. Dentre vários filmes exibidos, destacam-se *A vizinhança do tigre* (Affonso Uchôa, 2014) e *Baronesa* (Juliana Antunes, 2017), premiados em diversos festivais nacionais e internacionais. Entre 17 de junho e 14 de julho, debateu-se com os cineastas André Novais Oliveira, Gabriel Martins, Maurílio Martins, Thiago Macêdo Correia, Affonso Uchôa, Juliana Antunes e com a crítica de cinema Yasmine Evaristo, todos eles de Minas Gerais.

Na mostra seguinte, *Desbunde contra o chumbo*, três sessões e debates foram viabilizados entre 15 de junho e 4 de agosto. O tema em questão foi o cinema brasileiro feito durante o período mais violento da ditadura militar (1968-1974). Em contraponto à censura e repressão impostas pelo regime, essa época é apontada por XAVIER (2012) como uma das mais criativas do cinema nacional. Por isso mesmo, os filmes escolhidos confrontam o militarismo de maneira alegórica, apresentando o deboche como forma de reação política. A primeira sessão trouxe *Hitler III mundo* (José Agrippino de Paula, 1968) e *O bandido da luz vermelha* (Rogério Sganzerla, 1968), comentados pelo professor e crítico Roberto Cotta (BA). Na sequência, foram vistos *Meteorango kid – o herói intergalático* (André Luiz Oliveira, 1969) e *Os monstros de babaloo* (Elyseu Visconti, 1971), obras seminais do *underground* brasileiro, debatidos pela pesquisadora e crítica Dalila Camargo Martins (SP). E a derradeira exibição apresentou *ZéZero* (Ozualdo Candeias, 1974) e *Rainha diaba* (Antônio Carlos da Fontoura, 1974). Tais obras seriam debatidas pelo professor e curador Cleber Eduardo (SP), que não pôde comparecer ao encontro. Na sua ausência, os próprios curadores comentaram os filmes.

A terceira mostra chamou-se *Nosso próprio rumo: o cinema de Ana Carolina*, realizada entre 5 e 25 de agosto, com três sessões e debates. Nessas semanas, assistiu-se a uma trilogia que discute a condição feminina diante de uma sociedade repressora. Os filmes exibidos foram *Mar de rosas* (1977), *Das tripas coração* (1982) e *Sonho de valsa* (1987), todos eles assinados pela cineasta Ana Carolina. Com uma inventividade ímpar, esses filmes lançam mão de estéticas transgressoras, caracterizadas por gestos de desorientação espacial, fragmentações temporais e um uso antinaturalista da banda sonora. Ressalta-se a importância de suas narrativas, demarcadas pela reflexão em torno das paixões, da libido e das relações de poder. *Mar de rosas* foi debatido pela crítica e pesquisadora Juliana Costa (RS), *Das tripas coração* pelo diretor, roteirista e curador Leonardo Amaral (MG) e *Sonho de valsa* pela crítica e pesquisadora Carol Almeida (PE).

Por sua vez, a quarta mostra foi intitulada *Na Boca do povo*. Entre os dias 26 de agosto e 15 de setembro, foram exibidos filmes feitos na Boca do Lixo, em São Paulo. O foco dessa escolha foi estimular reflexões sobre o viés político dessas obras, realizadas em meio ao regime militar. A mostra foi composta por três sessões, acompanhadas por um número equivalente de debates. O primeiro ocorreu em 1º de setembro, quando discutiu-se *A noite do desejo* (Fauzi Mansur, 1973). Para comentar o filme, o convidado foi o crítico e curador Francis Vogner dos Reis (SP). Na sequência, dia 8 de setembro, a crítica Andrea Ormond (RJ) discutiu *Lilian M. – relatório confidencial* (Carlos Reichenbach, 1975). Por fim, no dia 15 de setembro, o crítico e curador Leonardo Bomfim (RJ) analisou o filme *A mulher que inventou o amor* (Jean Garrett, 1979).

Enfatiza-se a adesão do público em relação à temporada on-line. Em média, os debates têm recebido a presença de 40 pessoas, número expressivo se comparado às sessões presenciais, que recebem em média 25 pessoas. Além disso, outro fator

a ser ressaltado é o acesso às gravações dos encontros. A média de visualizações é de 70 pessoas, com o maior contingente respectivo ao debate inaugural da temporada, com os realizadores da produtora Filmes de Plástico (André Novais, Gabriel Martins, Maurílio Martins e Thiago Macêdo Correa), que recebeu 136 exibições até então.

4. CONCLUSÕES

Com a necessidade de se reinventar em meio ao contexto pandêmico, a solução encontrada pelo Zero4 Cineclube foi a programação de uma temporada on-line para continuar os trabalhos de forma remota. Mesmo com a eventual instabilidade de conexão e a desigualdade de acesso à Internet, o meio virtual continua sendo um espaço significativo de compensação do distanciamento físico.

Além do perfil de público frequente, predominantemente formado por alunos do curso de Cinema e Audiovisual da UFPel, o funcionamento on-line permitiu a aproximação de outros perfis, sendo o mais notório composto por cineastas, pesquisadores, curadores e críticos de cinema de outros estados. A possibilidade de conversar com profissionais de vários lugares impulsionou a participação desse público diverso, concedendo maior visibilidade ao projeto e proporcionando ampla troca de experiências e visões sobre o cinema.

Vale salientar que os debates disponíveis no YouTube tornaram-se material de arquivo, tendo relevância para a memória do projeto e sendo fonte de pesquisa para estudos realizados na área. A partir das mostras propostas, do acesso remoto aos filmes e do diálogo através das plataformas virtuais, o Zero4 permanece exercendo seu papel de formação de repertório, promovendo o debate e a reflexão acerca do cinema e de seus modos de fazer e pensar.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BUTRUCE, D. Cineclubismo no Brasil: esboço de uma história. **Revista do Arquivo Nacional**, v. 16, n. 1, p. 117-124, 2003. Acessado em 24 set. 2020. Online. Disponível em: revista.arquivonacional.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/140/140.

FERREIRA, J. **Cinema de invenção**. 3ed. Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2016.

RUBIRA, L. **O Círculo de Estudos Cinematográficos (parte 1)**. Diário Popular, Pelotas, 11 jan. 2020. Acessado em 24 set. 2020. Online. Disponível em: <http://www.diariopopular.com.br/opiniao/o-circulo-de-estudos-cinematograficos-parte-1-147968/>.

XAVIER, I. **Alegorias do subdesenvolvimento: cinema novo, tropicalismo e cinema marginal**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.